

Alexandre Planas Saurì, o mártir surdo (1/2)

Alexandre Planas Saurì, nascido em Mataró (Barcelona) em 31 de dezembro de 1878, foi um colaborador leigo dos salesianos até sua gloriosa morte como mártir em Garraf (Barcelona) em 19 de novembro de 1936. Sua beatificação foi realizada junto com outros salesianos e membros da família salesiana, em 11 de março de 2001, pelo Papa São João Paulo II.

Na lista dos mártires espanhóis beatificados pelo Papa João Paulo II, em 11 de março de 2001, figura o leigo Alexandre PLANAS SAURÌ, um dos mártires salesianos da Inspeção Tarraconense, subgrupo de Barcelona. Os testemunhos sobre sua vida também usam a palavra “da família” ou “cooperador”, mas todos o definem como “um autêntico salesiano”. O povoado de Sant Vicenç dels Horts, onde viveu durante 35 anos, o conhecia pelo sobrenome de “*El Sord*”, “*El Sord dels Frares* (O Surdo dos Frades)”. E essa é a expressão que aparece na bela placa na igreja paroquial, colocada em um lado da parte de trás, no local exato onde Alexandre ficava quando ia rezar.

Sua vida foi ceifada na noite de 18 para 19 de novembro de 1936, juntamente com a de um salesiano coadjutor, Eliseu García, que ficou com ele para não deixá-lo sozinho, pois Alexandre não queria sair do vilarejo e procurar um lugar mais seguro. Em poucas horas, ambos foram presos, condenados pelo comitê anarquista do município e levados para as margens do Garraf, no Mediterrâneo, onde foram fuzilados. Seus corpos não foram recuperados. Alexandre tinha 58 anos de idade.

Essa é uma nota que poderia ter aparecido na página de eventos de qualquer jornal e caído no mais completo esquecimento. Mas isso não aconteceu. A Igreja proclamou bem-aventurados os dois. Para a Família Salesiana, eles foram e sempre serão “sinais de fé e reconciliação”. Nestas páginas,

faremos referência ao Sr. Alexandre. Quem era esse homem que as pessoas apelidaram de “*el Sord dels frares*”?

As circunstâncias de sua vida

Alexandre Planas Saurì nasceu em Mataró (província de Barcelona) em 1878, seis anos antes de o trem que levava Dom Bosco a Barcelona (para visitar e se encontrar com os salesianos e os jovens da casa de Sarriá) parar na estação dessa cidade, para buscar a Sra. Dorotea de Chopitea e os Codolar Martí, que queriam acompanhá-lo na última etapa da viagem a Barcelona.

Sabe-se muito pouco sobre sua infância e adolescência. Ele foi batizado na paróquia mais popular da cidade, São José e São João. Foi, sem dúvida, um menino assíduo nas celebrações dominicais, atividades e festas paroquiais. A julgar pela trajetória de sua vida posterior, ele era um jovem que sabia como desenvolver uma vida espiritual sólida.

Alexandre tinha uma deficiência física significativa: era totalmente surdo e tinha um corpo desajeitado (baixa estatura e corpo curvado). As circunstâncias que o levaram a Sant Vicenç dels Horts, uma cidade a cerca de 50 km de sua cidade natal, são desconhecidas. A verdade é que, em 1900, ele estava entre os salesianos da pequena cidade de Sant Vicenç como funcionário nas atividades cotidianas da casa salesiana: jardinagem, limpeza, agricultura, recados... Um jovem engenhoso e trabalhador. E, acima de tudo, “*bom e muito piedoso*”.

A casa de Sant Vicenç dels Horts foi comprada pelo padre Filipe Rinaldi, ex-inspetor da Espanha, em 1895, para abrigar o noviciado e os estudos de filosofia que seriam realizados em seguida. Foi o primeiro centro de formação dos salesianos na Espanha. Alexandre chegou lá em 1900 como funcionário, conquistando imediatamente a estima de todos. Ele se sentia muito à vontade, totalmente integrado ao espírito e à missão daquela casa.

No final do ano letivo de 1902-1903, a casa passou

por uma grande mudança de orientação. O Reitor-Mor, P. Miguel Rua, havia criado as três províncias da Espanha. As de Madri e Sevilha decidiram organizar a formação em suas respectivas províncias. A de Barcelona também transferiu o noviciado e a filosofia para Girona. A casa em Sant Vicenç dels Horts ficou praticamente vazia em poucos meses, habitada apenas pelo Sr. Alexandre.

Daquele ano até 1931 (28 anos!), ele se tornou o guardião da casa. Mas não apenas da propriedade, mas, acima de tudo, das tradições salesianas que, em poucos anos, haviam se enraizado fortemente na população. Uma presença e um trabalho benévolo, vivendo como um anacoreta, mas de modo algum alheio aos amigos da casa que o protegiam, aos doentes da cidade que visitava, à vida paroquial que frequentava, aos paroquianos que edificava com o exemplo de sua piedade e às crianças da catequese paroquial e do oratório festivo que animava junto com um jovem da cidade, João Juncadella, com quem criou uma forte amizade. Distante e próximo ao mesmo tempo, com grande influência sobre as pessoas. Um personagem singular. A referência do espírito salesiano no vilarejo. *“El sord dels frares”*.

O homem

Alexandre, deficiente e surdo, mas que compreendia seus interlocutores graças ao seu olhar penetrante, ao movimento dos lábios, respondia sempre com lucidez, mesmo que em voz baixa. Um homem com um coração bom e luminoso: *“Um tesouro colocado em um pote de barro feio, mas nós, as crianças, pudemos perceber perfeitamente sua dignidade humana”*.

Ele se vestia pobremente, sempre com sua bolsa pendurada no ombro, às vezes acompanhado por um cachorro. Os salesianos o deixavam ficar em casa. Ele podia viver com o que a horta produzia e com a ajuda que recebia de algumas pessoas. Sua pobreza era exemplar, mais do que evangélica. E se ele tinha algo a mais, dava aos pobres. Em meio a esse tipo de

vida, ele desempenhava a tarefa de zelador da casa com absoluta fidelidade.

Ao lado do homem fiel e responsável, aparece o homem bom, humilde e abnegado, de uma amabilidade invencível, embora firme. *“Ele não permitia que se falasse mal de ninguém”*. Até aí chegava a gentileza de seu coração. *“O consolador de todas as famílias”*. Um homem de coração transparente, de reta intenção. Um homem que se fazia amar e respeitar. As pessoas estavam com ele.



O artista

Alexandre também tinha a alma de um artista. De um artista e de um místico. Isolado dos barulhos externos, ele vivia absorto em constante contemplação mística. E era capaz de captar na matéria os sentimentos mais íntimos de sua experiência religiosa, que quase sempre girava em torno da paixão de Jesus Cristo.

No pátio da casa, ele erigiu três monumentos claramente visíveis: Cristo pregado na cruz, a deposição nas mãos de Maria e o santo sepulcro. Entre os três, a cruz presidia o pátio. Os passageiros do trem que passava ao lado da propriedade podiam vê-lo perfeitamente. Por outro lado, ele montou uma pequena oficina em uma das dependências da casa, onde executava as encomendas que recebia ou pequenas imagens com as quais satisfazia os gostos da piedade popular e as distribuía gratuitamente entre seus vizinhos.

O homem de fé

Mas o que dominava sua personalidade era sua fé cristã. Ele a professava no mais profundo de seu ser e a manifestava com total clareza, às vezes até ostensivamente, professando-a em público. *“Um verdadeiro santo”*, um *“homem de Deus”*, diziam as pessoas. *“Quando chegávamos à capela pela manhã ou à tarde, sempre, infalivelmente, encontrávamos*

Alexandre rezando, de joelhos, fazendo suas práticas de piedade". "Sua piedade era muito profunda". Um homem totalmente aberto à voz do Espírito, com a sensibilidade que os santos possuem. O mais admirável nesse homem era sua sede e fome de Deus, "sempre buscando mais espiritualidade".

A fé de Alexandre era, antes de tudo, aberta ao mistério de Deus, diante de cuja grandeza ele caía de joelhos em profunda adoração: *"Curvado com o corpo, com os olhos baixos, cheio de vida interior... colocado em um lado da igreja, com a cabeça baixa, ajoelhado, absorto no mistério de Deus, totalmente imerso na meditação do prazer sagrado, ele dava vazão a seus afetos e emoções..."*.

"Ele passava horas diante do tabernáculo, ajoelhado, com o corpo inclinado quase horizontalmente até o chão, após a comunhão". Da contemplação de Deus e de Sua grandeza salvadora, Alexandre extraiu uma grande confiança na Providência Divina, mas também uma aversão radical à blasfêmia contra a glória de Deus e Seu santo nome. Ele não podia tolerar a blasfêmia. *"Ao ouvir uma blasfêmia, ele ficava tenso, olhando intensamente para a pessoa que a havia proferido, ou sussurrava com compaixão, para que a pessoa pudesse ouvir: «Nossa Senhora chora, Nosso Senhor chora»".*

Sua fé era expressa nas devoções tradicionais da Eucaristia, como vimos, e no rosário mariano. Mas onde seu impulso religioso encontrava o canal mais adequado às suas necessidades foi, sem dúvida, na meditação sobre a paixão de Cristo. *"Do Surdo, lembro-me da impressão que tínhamos ao ouvi-lo falar da Paixão de Cristo".*

Ele carregava o mistério da cruz em sua carne e em sua alma. Em sua homenagem, ele havia erguido os monumentos da cruz, da deposição e da sepultura de Cristo. Todos os relatos também mencionam o crucifixo de ferro que ele usava pendurado no peito e cuja corrente estava presa em sua pele. E ele sempre dormia com um grande crucifixo ao seu lado. Ele não queria desfazer-se do crucifixo nem mesmo durante os meses de perseguição religiosa que culminaram em seu martírio. *"Será que estou fazendo algum mal? – dizia – e se me matarem, tanto*

melhor, pois já tenho o céu aberto”.

Todos os dias ele fazia o exercício da Via Sacra: *“Quando subia para a sala de estudos, o Sr. Planas entrava na capela e, quando descíamos, depois de uma hora, ele estava terminando a Via Sacra, que fazia totalmente inclinado, até a cabeça tocar o chão”.*

Com base nessa experiência da cruz, à qual se somava sua profunda devoção ao Sagrado Coração, a espiritualidade do Surdo se projetou para a ascese e a solidariedade. Vivia como um penitente, em pobreza evangélica e espírito de mortificação. Dormia sobre tábuas, sem colchão ou travesseiro, tendo ao seu lado uma caveira que lhe lembrava a morte e *“alguns instrumentos de penitência”*. Ele não aprendeu isso com os salesianos. Ele o havia aprendido anteriormente e o explicava lembrando a espiritualidade do padre jesuíta, Santo Afonso Rodríguez, cujo manual ele costumava ler na casa do noviciado e no qual às vezes meditava durante aqueles anos.

Mas seu amor pela cruz também o levava à solidariedade. Sua austeridade era impressionante. Ele se vestia como os pobres e comia frugalmente. Ele dava tudo o que podia dar: não dinheiro, porque não tinha nenhum, mas sempre sua ajuda fraterna: *“Quando havia algo a ser feito para alguém, ele deixava tudo e ia para onde havia necessidade”*. Os que mais se beneficiavam eram as crianças da catequese e os doentes. *“Nunca faltava à cabeceira de uma pessoa gravemente doente: ele cuidava dela enquanto a família descansava. E se não houvesse ninguém na família que pudesse preparar o falecido, ele estava pronto para esse serviço. Os pobres doentes eram os preferidos, aos quais, se podia, ajudava com as esmolas que recolhia ou com o fruto de seu trabalho”*.

[\(continua\)](#)

dom Joan Lluís Playà, sdb

0 horário dos trens

Conheci um homem que sabia de cor o horário das ferrovias, porque a única coisa que lhe dava alegria eram as ferrovias. Ele passava todo o seu tempo na estação, observando como os trens chegavam e partiam. Ele olhava maravilhado para os vagões, para a força das locomotivas, para o tamanho das rodas; ele observava maravilhado os fiscais que subiam para os vagões e o chefe da estação.

Conhecia cada trem, sabia de onde vinha, para onde ia, quando chegaria a um determinado lugar e que trens partiam daquele lugar e quando chegariam.

Sabia o número dos trens, sabia em que dia eles viajavam, se tinham um vagão-restaurante, se esperavam ou não pelas conexões. Ele sabia quais trens têm vagões de correio e quanto custa uma passagem para Frauenfeld, para Olten, para Niederbipp ou para qualquer outro lugar.

Ele não ia ao bar, não ia ao cinema, não ia passear, não tinha nem bicicleta, nem rádio ou televisão, não lia jornais ou livros; se recebesse cartas, também não as lia. Para fazer essas coisas lhe faltava tempo, porque passava seus dias na estação, e só quando o horário da ferrovia mudasse, em maio e em outubro, é que ele não seria visto por algumas semanas.

Sentava-se em casa à sua mesa e aprendia tudo de cor, lia o novo horário desde a primeira página até a última, prestava atenção às mudanças e ficava feliz quando não havia. Aconteceu que alguém lhe perguntou a hora da partida de um trem. Então ele ficou com o rosto radiante e quis saber exatamente qual era o destino da viagem. E aquele que lhe tinha pedido a informação certamente perdeu o trem, porque não o deixou ir; não se contentou em indicar a hora, falou também o número do trem, o número de vagões, as possíveis conexões, todos os horários de partida. Explicou que se podia ir a Paris naquele

trem, onde era preciso descer e a que horas se chegaria. Ele não entendia que as pessoas não estavam interessadas em tudo aquilo. No entanto, se alguém o deixasse ali e saísse antes que ele tivesse listado todos os seus conhecimentos, ele se zangava, o insultava e gritava com ele:

– O senhor não entende nada de ferrovias!

Pessoalmente, ele nunca embarcou num trem.

Isso não faria sentido, dizia ele, porque já sabia de antemão a que horas o trem estaria chegando (Peter Bichsel).

Muitas pessoas (e entre elas muitos estudiosos ilustres) sabem tudo sobre a Bíblia, até a exegese dos versículos menores e mais escondidos, e também o significado das palavras mais difíceis, e até mesmo o que o escritor sagrado realmente quis dizer, mesmo que parecesse o contrário.

Mas eles não transformam nada do que está escrito na Bíblia em sua vida pessoal.

Você já pensou em sua vocação? São Francisco de Sales poderia ajudar você (6/10)

[\(continuação do artigo anterior\)](#)

6. Tudo está bem em casa

Prezados jovens,

“Acho que, no mundo, não há almas que amem mais cordialmente, com mais ternura e, para dizer o mínimo, com mais amor do que eu, porque agradou a Deus fazer meu coração assim.” Dizem em

minha família que a primeira frase que saiu de meus lábios quando criança foi: «Minha mãe e Deus me amam muito».

Desde cedo, eu estava entre o povo. Meu pai havia decidido que eu seria educado não em nosso castelo, mas em uma escola mais regular, comparando-me com outros colegas e professores; em suma, afastando-me do tipo de “bolha de amor” que se tinha criada no castelo.

Ao voltar de meus estudos em Paris e Pádua, eu estava bem convencido de minha escolha de me tornar padre, mas meu pai não era bem dessa opinião: ele havia, sem que eu soubesse, preparado uma biblioteca completa sobre Direito, um cargo de senador e uma noiva nobre. Não foi fácil convencê-lo a seguir outro caminho. Com calma, apresentei minhas intenções ao pai: “Meu pai, servirei ao senhor até meu último suspiro de vida, prometo todo o serviço aos meus irmãos. O senhor me fala de reflexão, meu pai. Posso dizer-lhe que tenho a ideia do sacerdócio desde criança”. Meu pai, embora tivesse “um espírito muito firme”, chorou. A mãe interveio gentilmente. Houve silêncio. A nova realidade, sob a palavra silenciosa de Deus, fermentou. Meu pai disse: “Meu filho, faça em Deus e por Deus o que Ele lhe inspirar. Por amor a Ele, eu lhe dou minha bênção”. Então ele não aguentou mais: fechou-se abruptamente em seu escritório.

No final da vida de meu pai, tive a graça de discernir na síntese todo o amor que o tornava tão querido para mim: em sua franqueza, em sua capacidade de assumir compromissos importantes, em sua responsabilidade de me guiar até o fim, na confiança constante que demonstrava em mim, sempre percebi a bondade de um homem nobre, também acostumado a uma vida dura, mas com um grande coração. Além disso, com o passar do tempo, seu temperamento vivo se suavizou, ele até aprendeu a se permitir ser contrariado: a longo prazo, a boa influência de minha mãe foi decisiva.

Papai e mamãe realmente me mostraram duas faces diferentes, mas complementares, da própria graça e bondade de Deus.

Talvez vocês também, como eu, tenham se perguntado como viver o cansaço de sentir que a vocação que está descobrindo é

diferente daquela que os outros esperam de vocês. Eu propus, tanto aos homens mais simples da minha terra quanto ao rei e à rainha da França, um caminho muito simples, mas altamente exigente: por um lado, “nada te perturbe” e “nada pedir e nada recusar”; por outro lado, que a vida, com as escolhas que ela traz consigo, encontra sentido em ser confrontada, mesmo com o cansaço, exclusivamente para viver “como agrada a Deus”. Somente daqui nasce a “perfeita alegria”, que provavelmente une todos os verdadeiros santos, homens e mulheres de Deus de ontem e de hoje.

Escritório de Animação Vocacional

[\(continua\)](#)

Os livros itinerantes de Dom Bosco

Em uma carta-circular, Dom Bosco escreveu em julho de 1885: “O bom livro entra até nas casas onde o sacerdote não pode entrar... Às vezes fica empoeirado sobre uma mesa ou em uma biblioteca. Ninguém pensa nele. Mas chega a hora da solidão, ou da tristeza, ou da dor, ou do tédio, ou da necessidade de recreação, ou da ansiedade do futuro, e esse fiel amigo larga o pó, abre suas páginas e...”.

“Sem livros não há leitura e sem leitura não há conhecimento; sem conhecimento não há liberdade”, leio na internet, sem saber se escrito por algum saudosista ou apaixonado por livros ou por algum bom conhecedor de Cícero.

Dom Bosco, por sua vez, assim que terminou seus estudos, tornou-se imediatamente escritor e alguns de seus livros se tornaram verdadeiros “best Sellers”, com dezenas e dezenas de

edições e reimpressões. Uma vez fundada a congregação, ele convidou seus jovens colaboradores a fazerem o mesmo, usando sua própria gráfica, instalada na mesma casa em Valdocco. Em uma época em que três quartos dos italianos eram analfabetos, ele escreveu na circular mencionada acima: “Um livro em uma família, se não for lido por aquele a quem se destina ou é dado, é lido pelo filho ou pela filha, pelo amigo ou pelo vizinho. Um livro em um país às vezes passa pelas mãos de uma centena de pessoas. Só Deus sabe o bem que um livro produz em uma cidade, em uma biblioteca circulante, em uma sociedade de trabalhadores, em um hospital, doado como penhor de amizade”. E acrescentou: “Em menos de trinta anos, o número de arquivos ou volumes que distribuimos entre as pessoas chega a cerca de vinte milhões. Se alguns livros ficaram largados, outros tiveram uma centena de leitores, e assim o número de pessoas a quem nossos livros fizeram bem pode ser considerado, com certeza, muito maior do que o número de volumes publicados”. Com um pouco de imaginação, poderíamos dizer que, de alguma forma, a rede editorial de Dom Bosco hoje é precursora tanto do livro on-line, que está à disposição de todos para ser lido, caminhando sozinho, quase vagueando, quanto o “e-book”, o único que, na crise contínua da leitura na Itália nos últimos anos, está atraindo novos compradores e novos leitores graças também ao seu baixo custo.

A concorrência

A concorrência para ler um livro é forte: hoje as pessoas passam horas e horas com os olhos fixos no Facebook, WhatsApp e Instagram, blogs e plataformas de todos os tipos para enviar e receber mensagens, ver e enviar fotos, assistir a filmes e ouvir música. Em si, todas essas coisas podem ser belas, boas e corretas, mas será que elas podem substituir a leitura de um bom livro?

Algumas dúvidas são legítimas. Em sua maior parte, as mídias sociais são promotoras de uma espécie de cultura do efêmero, do transitório, do fragmentário – mesmo sem pensar imediatamente na enxurrada de notícias falsas – em que cada

nova comunicação elimina a anterior. Os próprios nomes dizem isso: SMS, “serviço de mensagens curtas”, ou Twitter, “bird tweeting” [pássaro cantando], Instagram, ou seja, foto rápida postada na hora. Elas transmitem informações rápidas, compartilhamento muito breve de experiências e estados de espírito com pessoas com as quais você já está em contato. Livros, bons livros, por outro lado, aqueles que são pensados e meditados, são capazes de provocar perguntas, de nos fazer perceber profundamente a beleza encontrada na natureza e na arte em todas as suas formas, na solidariedade entre as pessoas, na paixão e no coração que colocamos em tudo o que fazemos. E não só isso, porque é justamente uma cultura geral ampla, proporcionada principalmente pelos livros de história, que oferece às classes dominantes a ductilidade, a capacidade de orientação, a amplitude de horizontes que, combinados com a competência, são necessários para fazer as escolhas de natureza geral e abrangente que lhes cabem. Estamos nos dando conta do déficit de tal cultura nos dias de hoje.

A biblioteca de Dom Bosco

Dom Bosco, com a difusão de seus livros, com a biblioteca de Valdocco com 15.000 livros, com a sua tipografia, com as bibliotecas de cada casa salesiana, com uma série de salesianos que escreveram livros para os jovens, fez com que milhares de jovens crescessem como “honestos cidadãos e bons cristãos”. Como é melancólico saber hoje que cerca de meio milhão de crianças na Itália frequentam escolas sem biblioteca! É claro que é mais fácil e mais imediatamente lucrativo construir novos supermercados, novos shopping centers, cinemas de última geração, cadeias multinacionais que lidam com tecnologia e inovação.

Livros de papel ou livros on-line – as bibliotecas de hoje, graças à tecnologia, oferecem serviços remotos interessantes de vários tipos – não faz diferença: desde que façam as pessoas crescerem em humanidade. Com uma condição, porém: que sejam legíveis e estejam disponíveis para todos, mesmo para os não nativos digitais, mesmo para aqueles que não têm as

ferramentas de última geração, mesmo para aqueles que vivem em situações desfavoráveis. Dom Bosco escreveu o seguinte na carta acima mencionada: “Lembrem-se de que Santo Agostinho, que se tornou bispo, embora fosse um exaltado mestre das belas letras e um orador eloquente, preferia a impropriedade da linguagem e a falta de elegância do estilo ao risco de não ser compreendido pelo povo”. É isso que os filhos de Dom Bosco continuam a fazer hoje, com livros, com folhetos populares, com vídeos e materiais postados na web, que continuam a circular, hoje como ontem, em todas as línguas, em todos os lugares, até os confins da terra.

Dom Bosco e os marengos

Em 1849, o impressor G. B. Paravia publicou “*Il sistema metrico decimale ridotto a semplicità, precedido por quattro operazioni dell’aritmetica ad uso degli artigiani e della gente di campagna*” [*O sistema métrico decimal simplificado, precedido por quatro operações de aritmética para uso dos aprendizes e das pessoas do campo*], editado pelo padre João Bosco. O manual incluía um apêndice sobre as moedas mais usadas no Piemonte e as principais moedas estrangeiras.

No entanto, apenas alguns anos antes, Dom Bosco sabia tão pouco sobre as moedas nobres em uso no Reino da Sardenha que confundiu um *duplo de Saboia* com um *marengo*. Ele estava no início de sua atividade no Oratório e, até então, deve ter visto muito poucas moedas de ouro. Um dia, ao receber uma delas, correu para gastá-la para seus meninos, encomendando vários produtos no valor de um marengo. O lojista, prático e honesto, entregou as mercadorias que ele havia pedido e lhe deu o troco de cerca de nove liras.

– *Mas como, perguntou Dom Bosco, não lhe dei um*

marengo?

– *Não*, respondeu o comerciante, *sua moeda é uma peça de 28 e meio!* (MB II, 93 – MBp II, 92)

Desde o início, não havia em Dom Bosco nenhuma ganância por dinheiro, mas apenas uma ânsia pelo bem!

Duplos de Saboia e marengos

Quando, em maio de 1814, o rei Vítor Emanuel I retornou à posse de seus Estados, ele quis restaurar o antigo sistema monetário baseado na *Lira do Piemonte* de vinte *soldos* de doze *denários* cada, sistema que havia sido substituído pelo sistema decimal durante a ocupação francesa. Antes disso, seis liras formavam um escudo de prata e 24 um duplo de ouro da Saboia. Obviamente, não havia escassez de submúltiplos, incluindo a moeda de cobre conhecida como 5 soldos ou Mauricinho, assim chamada porque trazia a imagem de São Maurício no verso.

Mas o uso da contagem em *francos* já estava tão difundido que o rei, em 1816, decidiu adotar também o sistema monetário decimal, criando a *Nova Lira do Piemonte* com um valor igual ao do franco, com os relativos múltiplos e submúltiplos, desde a peça de ouro de 100 liras até a moeda de cobre de 1 centavo.

O duplo da Saboia, no entanto, continuou seu curso por muitos anos. Criado em 1755 por um decreto de Carlos Emanuel III, ela foi chamada, após a criação da nova lira, de *peça de vinte e nove* ou *vinte e oito liras e meia*, exatamente porque correspondia a 28,45 novas liras. Era mais comumente chamada de *Galin-a* (galinha) porque, enquanto o anverso exibia a imagem do Soberano com uma trança, o reverso mostrava um pássaro com asas abertas, que o artista pretendia representar uma águia, mas, como era barriguda, parecia mais uma galinha.

A peça de vinte francos, chamada de *marengo* por ter sido cunhada por Napoleão em Turim, em 1800, após a vitória em Marengo, também permaneceu em circulação por um bom tempo, juntamente com as moedas de ouro da Saboia. Ela trazia no anverso o busto de Minerva e no reverso o lema: *Libertà* –

Egalité – Eridania [Liberdade – Igualdade – Eridania]. Correspondia à moeda francesa chamada *napoleão de ouro*. O termo “*Eridania*” representava a terra onde corre o rio Pó, o lendário *Erídano*.

O nome *marengo* também foi usado indiferentemente para a nova moeda de ouro de 20 liras de Vitório Emanuel I, enquanto *marenguinho* era a moeda de ouro de 10 liras, portanto com metade do valor do marengo, cunhada mais tarde por Carlos Alberto. Marengo e marenguinho eram termos usados com frequência um pelo outro, como franco e lira. Dom Bosco também os usava dessa forma. No prefácio do “Galantuomo” de 1860 (o almanaque estreia para os assinantes das “Leituras Católicas”) há um exemplo. Dom Bosco faz o papel de um vendedor de bebidas que acompanha o exército da Sardenha na guerra de 1859. Na batalha de Magenta, conta ele, perdeu sua bolsa de dinheiro e o capitão da companhia o compensou com um punhado de “quinze reluzentes *marenguinhos*”.

Escrevendo em 22 de maio de 1866 para o Cav. Frederico Oreglia, que ele enviou a Roma para coletar ofertas para a nova igreja de Maria Auxiliadora, ele lhe diz:

“Quanto à sua permanência em Roma, fique por tempo ilimitado, ou seja, até que tenha dez mil *francos* para trazer para a igreja e para pagar o padeiro [...].

Deus o abençoe, Senhor Cavaleiro, e abençoe seus trabalhos e que *cada palavra sua salve uma alma e ganhe um marengo*. Amém” (E 459).

Significativo augúrio de Dom Bosco a um generoso colaborador!

Napoleões com e sem chapéu

A partir de 1º de maio de 1866, no agora constituído Reino da Itália, além da moeda de ouro, correspondente ao napoleão de ouro com a imagem de Napoleão com chapéu no anverso, foi imposta a circulação de uma moeda de papel com o mesmo valor nominal, mas com um valor real muito menor. O povo imediatamente a chamou de *Napoleão com a cabeça descoberta*, porque ela trazia a efígie de Vitor Emanuel

II sem chapéu.

Dom Bosco também sabia disso quando teve de devolver ao Conde Frederico Calieri um empréstimo de 1.000 francos que havia feito a ele em 50 napoleões de ouro. Ele não perdeu a oportunidade de matar dois coelhos com uma cajadada só, aproveitando a confiança que lhe era concedida. De fato, a Condessa Carlota já lhe havia prometido uma oferta para a nova igreja. Portanto, ele escreveu para a condessa em 29 de junho de 1866: “Eu lhe direi que, depois de amanhã, vence minha dívida com o Conde e eu devo tomar cuidado para pagar a dívida a fim de adquirir o crédito. Quando estive na Casa Collegno, a senhora me disse que nesta época faria uma oferta para a igreja e para o altar de São José, mas não fixou a quantia com precisão. Portanto, tenha a bondade de me dizer:

- 1) se sua caridade envolve fazer ofertas neste momento para nós e quais;
- 2) para onde devo encaminhar o dinheiro para o Sr. Conde?
- 3) se o Sr. Conde tem algum pagamento que possa fazer com notas, ou, como é razoável, que troque as notas por napoleões de acordo com o que recebi” (E 477).

Como se pode facilmente entender, Dom Bosco confia na oferta da Condessa e propõe a liquidação de sua dívida com o Conde, se não for em prejuízo de ninguém, em napoleões de papel. A resposta veio e foi consoladora. O dinheiro deveria ser enviado a César, filho do Conde Callori, e poderia ser em papel-moeda. De fato, Dom Bosco escreveu a César em 23 de julho:

“Antes do fim deste mês, levarei os mil francos para sua casa, como o senhor me escreveu, e farei com que eu leve o mesmo número de *napoleões*, *mas todos com a cabeça descoberta*. Pois se eu levasse cinquenta napoleões com o chapéu na cabeça, talvez eles incendiassem Júpiter, Saturno e Marte” (E 489).

E, pouco depois, ele fará o acordo muito conveniente, enquanto a condessa, ao mesmo tempo, lhe dá 1.000 francos para o púlpito da nova igreja (E 495). *Se há uma dívida a ser paga, há a Providência que se manifesta!*

Soldos e “mutte”

Mas Dom Bosco não lidava apenas com marengos e napoleões. Em seus bolsos, era mais frequente encontrar vários trocados, moedas de cobre, que ele usava para despesas comuns, como pegar a carruagem quando saía de Turim, fazer pequenas compras e esmolas e, talvez, fazer algum gesto que hoje chamaríamos de carismático, como quando despejou nas mãos do mestre de obras Bozzetti os primeiros oito soldos para a construção da nova igreja de Maria Auxiliadora.

Oito soldos, equivalentes a 4 moedas de 10 centavos ou 8 moedas de 5, correspondiam a uma “*mutta*” do sistema antigo, uma moeda cunhada em cobre com um pouco de prata, com um valor inicial de 20 soldos piemonteses, logo reduzido a oito soldos. Foi a antiga lira piemontesa que veio ao mundo por Vítor Amadeu III em 1794 e só foi abolida em 1865. A palavra “*mutta*” – em piem. *mota* (leia-se: *muta*) – por si só, significa “torrão” ou “telha”. “*Mutta*” era o nome dado às telhas feitas de casca de carvalho, usadas para curtimento de couro e, após o uso, ainda usadas para queimar ou manter o fogo aceso. Essas telhas, que costumavam ser tão grandes como um pão, foram reduzidas pela avareza dos fabricantes a proporções tão minúsculas que a população acabou chamando a *lireta* de Vitório Amadeu de “*mutta*”.

De acordo com as “Memórias Biográficas”, certos fanáticos protestantes, para afastar os meninos do Oratório de Dom Bosco, os atraíam dizendo: “O que vocês vão fazer no Oratório? Venham com a gente e levaremos vocês a se divertirem como melhor lhes parecer e agradar; ouvirão coisas bonitas e depois receberão como prêmio duas *mutte* [moedas de cobre e prata, que valia 40 centavos cada uma] e um belo livro” (MB III, 402 – MBp III, 319).

Mas Dom Bosco também conquistava as pessoas com suas *mutte*. Um dia, ele estava sentado ao lado do cocheiro que blasfemava alto para fazer os cavalos correrem, e prometeu-lhe uma “*mutta*” se ele se abstivesse de blasfemar durante todo o trajeto até Turim, e conseguiu seu intento (MB VII, 189 – MBp VII, 205). Afinal, com uma *mutta*, o pobre cocheiro podia

comprar pelo menos um litro de vinho para beber com seus colegas e, ao mesmo tempo, *guardar as palavras que ouvira contra o vício da blasfêmia*.

O santo dos milhões

Dom Bosco lidou com grandes somas de dinheiro em sua vida, coletadas à custa de enormes sacrifícios, buscas humilhantes, loterias laboriosas, andanças incessantes. Com esse dinheiro, deu pão, roupa, alojamento e trabalho a muitos meninos pobres, comprou casas, abriu internatos e colégios, construiu igrejas, lançou grandes iniciativas tipográficas, lançou as missões salesianas na América e, finalmente, já enfraquecido pelos achaques da velhice, ergueu a Basílica do Sagrado Coração em Roma, em obediência ao Papa, obra que foi uma das causas que apressaram sua morte.

Nem todos entenderam o espírito que o animava, nem todos valorizaram suas atividades multifacetadas e a imprensa anticlerical se entregou a insinuações ridículas.

Em 4 de abril de 1872, o periódico satírico de Turim “*Il Fischietto*”, que apelidou Dom Bosco de “*Dominus Lignus*”, disse que ele era dotado de “fundos fabulosos”. Em 31 de outubro de 1886, o jornal romano “*La Riforma*”, órgão político de Crispim, publicou um artigo sobre suas expedições missionárias, apresentando ironicamente o padre de Valdocco como “um verdadeiro industrial”, como o homem que havia entendido “que o bom mercado é a chave para o sucesso de todas as maiores empresas modernas”; e continuou dizendo: “Dom Bosco tem em si algo daquela indústria que agora quer ser chamada, por antonomásia, de irmãos Bocconi”. Esses eram os irmãos Fernando e Luís Bocconi, criadores das grandes lojas de varejo abertas em Milão naqueles anos e mais tarde chamadas de “*La Rinascente*”. Luís Pietracqua, romancista e dramaturgo dialetal, poucos dias após a morte de Dom Bosco, assinou um soneto satírico no jornal de Turim “*L Birichin*”, que começava assim:

“Don Bòsch l’è mòrt – L’era na testa fin-a, Capace ‘d gavé ‘d sangh d’ant un-a rava, Perché a palà ij milion chiel a

contava, E... senza guadagneje con la schin-a!".

(Dom Bosco morreu – Ele era um homem astuto, Capaz de tirar sangue de um nabo, Porque contava os milhões aos poucos, E... sem ganhá-los com seu próprio suor).

E continuou a exaltar, à sua maneira, o milagre de Dom Bosco, que recebia dinheiro de todos, enchendo sua bolsa que se tornara tão grande quanto um tonel (*E as fasìa 7 borsòt gròss com na tina*). Enriquecido dessa forma, ele não precisava mais trabalhar, apenas enganava os tolos com orações, cruzes e missas sagradas. O sonetista blasfemo concluiu chamando Dom Bosco de "*São Milionário*".

*Quem conhece o estilo de pobreza em que o santo viveu e morreu podem facilmente entender como era desprezível o humor de Pietracqua. Dom Bosco era de fato um administrador muito hábil do dinheiro que a caridade dos bons lhe trazia, mas nunca guardou nada para si. A mobília de seu pequeno quarto em Valdocco consistia em uma cama de ferro, uma pequena mesa, uma cadeira e, mais tarde, um sofá, sem cortinas na janela, sem tapetes, nem mesmo uma mesinha de cabeceira. Em sua última doença, atormentado pela sede, quando lhe deram água com gás para aliviá-lo, ele não quis beber, acreditando ser uma bebida cara. Foi necessário assegurar-lhe que a garrafa custava apenas sete centavos. "Ele disse ainda ao P. Viglietti: – Também me faça o favor de olhar os bolsos de minhas roupas; lá estão minha carteira e minha bolsa. Acho que não sobrou nada; mas se houver dinheiro, entregue-o ao P. Rua. Quero morrer de modo que se diga: *Dom Bosco morreu sem um tostão no bolso*" (MB XVIII, 493).*

Assim morreu o Santo dos Milhões!

Venerável Constantino Vendrame: apóstolo de Cristo

A causa da canonização do servo de Deus, Constantino Vendrame, está avançando. Em 19 de setembro de 2023, o volume da "Positio super Vita, Virtutibus et Fama Sanctitatis" foi entregue à Congregação para as Causas dos Santos, no Vaticano. Vamos apresentar brevemente esse sacerdote professo da Sociedade de São Francisco de Sales.

Das colinas do Vêneto para as colinas do nordeste da Índia

O Servo de Deus P. Constantino Vendrame nasceu em São Martinho di Colle Umberto (Treviso) em 27 de agosto de 1893. São Martinho, vilarejo da cidade maior de Colle Umberto, é uma charmosa cidade italiana na região do Vêneto, na província de Treviso: de suas colinas, São Martinho está voltada tanto para as planícies sulcadas pelo rio Piave quanto para os pré-Alpes da região de Belluno; mantém dessa dupla natureza – uma cidade montanhosa que olha para as montanhas e para a planície – as características de proximidade com os maiores centros populacionais e de projeção ideal para o mundo sóbrio e tímido das montanhas. Este cenário o futuro missionário P. Constantino encontraria no nordeste da Índia, espremido entre os primeiros contrafortes da cadeia do Himalaia e o vale do Brahmaputra.

Sua família também pertencia a esse mundo de pessoas simples: seu pai Pedro, ferreiro de profissão, e sua mãe Helena Fiori, originária de Cadore, provavelmente se conheceram nas montanhas. Os laços do P. Vendrame com seus irmãos eram fortes: João, de quem guardava fielmente as lembranças; Antônia, mãe de uma família numerosa; sua amada Ângela, a quem estava unido por um profundo afeto, em harmonia de obras e intenções. Ângela permanecerá – com exuberante criatividade – a serviço da paróquia e oferecerá sofrimentos e méritos pelo empreendimento apostólico-missionário do irmão. Na família,

era viva também a lembrança de seu irmão mais velho, Canciano, que voou para o céu com apenas 13 anos de idade.



Batizado no dia seguinte ao seu nascimento (28 de agosto) e crismado em novembro de 1898, cedo órfão de pai, primeira comunhão em 21 de julho de 1904 e infância dedicada às tarefas cotidianas – para Constantino Vendrame a vocação sacerdotal tomou forma ainda criança. Talvez tenha suas raízes na entrega do pequeno Constantino a Nossa Senhora – por iniciativa de sua mãe: uma entrega que depois amadureceu em uma doação mais completa.

No entanto, a realidade do seminário – que o Servo de Deus frequentou em Ceneda (Vitório Vêneto) com pleno sucesso – carecia no entanto daquele fôlego missionário que ele sentia como próprio. Por isso, voltou-se para os salesianos e foi na casa salesiana de Mogliano, no Vêneto, que, em 1912, “na pequena portaria, com o bom P. Dones, foi decidida a minha vocação salesiana e missionária”.

Por isso, completou as etapas de formação para a consagração religiosa entre os filhos de Dom Bosco, em particular como aspirante (a partir de outubro de 1912, em Verona), noviço (a partir de 24 de agosto de 1913, em Ivrea), professo temporário (em 1914) e perpétuo (a partir de 1º de janeiro de 1920, em Chioggia). Foi ordenado sacerdote em Milão em 15 de março de 1924. Desde o momento em que foi admitido no noviciado, foi certificado como “muito firme na prática e bem instruído”. Suas notas no seminário sempre foram excelentes e ele se sai bem na Sociedade de São Francisco de Sales.

Seu curso preparatório foi marcado pelo serviço militar obrigatório. Eram os anos da Grande Guerra: 1914-1918 (para a Itália: 1915-1918). Naqueles momentos, o clérigo Vendrame não recuou; abriu-se para seus superiores; manteve seus compromissos. Os anos da Primeira Guerra Mundial forjaram ainda mais nele a coragem que lhe seria tão útil em sua

missão.

Missionário de fogo



O P. Constantino Vendrame recebeu o crucifixo missionário na Basílica de Maria Auxiliadora, em Turim, em 5 de outubro de 1924. Algumas semanas depois, embarcou de Veneza para o nordeste da Índia: destino Assam. Chegou lá no tempo do Natal. Numa pequena estampa, escreveu: “Sagrado Coração de Jesus, tudo confiei em vós, tudo esperei de vós, não fui confundido”. Com os coirmãos, meditou durante a viagem *Ao Encontro do Rei do Amor*: “Tudo está aqui: todo o Evangelho, toda a Lei. Eu vos amei [...]”, “Eu vos amei mais do que a minha vida, porque vos dei a minha vida – e quando alguém dá a vida, dá tudo”. Este é o programa de seu compromisso missionário.

Com relação aos salesianos mais jovens – que teriam completado na Índia a maior parte do caminho para a consagração – ele já chega lá como homem feito, em pleno vigor: tem 31 anos e pode aproveitar não só a dura experiência da guerra, mas também o aprendizado nos oratórios italianos. Uma terra bela e difícil o aguarda, onde predomina o paganismo de cunho “animista” e algumas seitas protestantes alimentam uma atitude de desconfiança preconceituosa ou de oposição aberta à Igreja Católica. Ele escolhe o contato com as pessoas, decide dar o primeiro passo: começa com as crianças, a quem ensina a rezar e deixa brincar. São esses “amiguinhos” (alguns católicos, alguns protestantes, quase todos pagãos) que falam de Jesus e do missionário católico na família, que ajudam o padre Vendrame em seu apostolado. Ele era ladeado por seus coirmãos – que ao longo dos anos o reconhecerão como o “pioneiro” da atividade missionária salesiana em Assam – e por valiosos colaboradores leigos, formados no decorrer do tempo.

Desse período inicial, permanecem os traços de um missionário de “fogo”, animado pelo único interesse na glória de Deus e na

salvação das almas. Seu estilo se torna aquele do Apóstolo dos Gentios, a quem ele seria comparado pela eficácia propulsora de sua proclamação e pela forte atração dos pagãos para Cristo. “Ai de mim se eu não anunciar o Evangelho!” (cf. 1Cor 9,16), diz o P. Vendrame com sua vida. Ele se expõe a todo desgaste, desde que Cristo seja anunciado. Verdadeiramente para ele também: “Inúmeras viagens, perigos dos rios [...], perigos dos pagãos [...]; dificuldades e fadigas, vigílias sem conta, fome e sede, jejuns frequentes, frio e nudez” (cf. 2Cor 11,26-27). O Servo de Deus se torna um andarilho no nordeste da Índia, infestado por todos os tipos de perigos; ele se sustenta com uma dieta muito pobre; enfrenta retornos noturnos tardios ou noites passadas quase congelando de frio.

Sempre na trincheira

No início da Segunda Guerra Mundial e nos anos seguintes, o P. Constantino Vendrame pôde aproveitar – em momentos de particular fadiga “ambiental” (campos militares; extrema pobreza no sul da Índia) e dificuldades “eclesiais” (duras oposições no nordeste da Índia) – de toda uma série de treinamentos prévios: sob a custódia dos Gurkhas; em Deoli; em Dehra Dun; missionário em Wandiwash no Tamil Nadu; em Mawkhar no Assam. Em Deoli, ele é “reitor” dos religiosos no campo; também em Dehra Dun, ele dá o exemplo.

Libertado no final da guerra, mas impedido por razões políticas completamente alheias à sua pessoa de retornar ao Assam, o P. Vendrame – que tinha mais de 50 anos e estava desgastado pelas privações – é designado por Dom Luís Mathias, Arcebispo de Madras, para Tamil Nadu. Lá, o P. Constantino teve que começar tudo de novo: mais uma vez, ele soube se fazer amar profundamente, consciente – como escreveu em uma carta de 1950 aos seus irmãos sacerdotes da Diocese de Vitória Vêneto – das condições extremamente duras de seu mandato missionário:

Ele estava convencido de que em toda parte havia o bem a ser feito e almas a serem salvas. Permanecendo “*ad experimentum*”, de modo a garantir a continuidade daquela pobre missão,

finalmente retornou ao Assam: podia descansar, mas havia planos para estabelecer uma presença católica em Mawkhar, um distrito de Shillong, então considerado a “fortaleza” dos protestantes.

E foi exatamente em Mawkhar que o Servo de Deus realizou a sua “obra-prima”: o nascimento de uma comunidade católica que ainda hoje floresce, na qual – em anos muito distantes da sensibilidade ecumênica de hoje – a presença católica foi primeiro duramente combatida, depois tolerada, depois aceita e, finalmente, estimada. A *unidade* e a *caridade* testemunhadas pelo P. Vendrame foram para Mawkhar uma proclamação sem precedentes e “escandalosa”, que conquistou os corações mais duros e atraiu a benevolência de muitos: ele havia levado o “mel de São Francisco” – isto é, a bondade salesiana, inspirada na gentileza de São Francisco de Sales – a uma terra onde os ânimos estavam fechados.

Rumo ao ocaso

Quando as dores nos ossos se tornaram insistentes, ele admitiu em uma carta: “com dificuldade consegui controlar o trabalho do dia”. Apresenta-se o último trecho da jornada terrena. Chega o dia em que ele pede para verificar se sobrou alguma comida: um pedido singular para o P. Vendrame, que se alimentava do essencial e, voltando tarde, nunca quis incomodar alguém para o jantar. Naquela noite, ele não conseguia nem mesmo articular algumas frases: estava exausto, prematuramente envelhecido. Tinha se mantido em silêncio até o fim, vítima de uma artrite que também afetou sua coluna vertebral.

A hospitalização era iminente, mas em Dibrugarh: isso o teria poupado da aglomeração constante de pessoas; às pessoas, a dor de testemunhar, impotentes, a agonia do pai. O Servo de Deus chegava ao ponto de desmaiar de dor: cada movimento se tornava terrível para ele.

Dom Orestes Marengo – seu amigo e ex-clérigo, bispo de Dibrugarh –, as Irmãs de Maria Menina, alguns leigos, a equipe médica, incluindo muitas enfermeiras, foram conquistados por

sua gentileza.

Todos o reconheceram como um verdadeiro homem de Deus, até mesmo os não cristãos. O P. Vendrame, em seu sofrimento, podia dizer, como Jesus: “Não estou só, porque o Pai está comigo” (cf. Jo 16,32).

Atingido pela doença e pelas complicações da pneumonia por estase, ele morreu em 30 de janeiro de 1957, na véspera da festa de São João Bosco. Apenas alguns dias antes (24 de janeiro), em sua última carta à irmã Ângela, ele ainda se projetava no dinamismo apostólico, lúcido no sofrimento, mas sempre um homem de esperança.

Era tão pobre que não tinha nem mesmo uma túnica funerária adequada: Dom Marengo lhe deu uma de sua propriedade para que ele pudesse ser mais dignamente revestido. Uma testemunha relatou como o P. Costantino estava bonito na morte, ainda melhor do que em vida, finalmente livre das “fadigas” e “tensões” que haviam marcado tantas décadas.

Depois de uma primeira cerimônia fúnebre/despedita em Dibrugarh, o velório e o funeral solene ocorreram em Shillong. As pessoas acorreram com tantas flores que parecia uma procissão eucarística. A multidão era imensa, muitos se aproximaram dos sacramentos da Reconciliação e da Comunhão: essa atitude generalizada de se aproximar de Deus, mesmo por parte daqueles que haviam se afastado dele, foi um dos maiores sinais que acompanharam a morte do P. Constantino.

**Você já pensou em sua
vocação? São Francisco de**

Sales poderia ajudar você (5/10)

[\(continuação do artigo anterior\)](#)

5. Afinal de contas, posso fazer isso sozinho?

Prezados jovens,

Aprendi em primeira mão como é importante ter orientação espiritual em nossa vida.

Em 1586, quando eu tinha 19 anos de idade, passei por uma das maiores crises de minha vida e tentei resolvê-la sozinho, mas com pouco sucesso. A partir dessa experiência, percebi que a vida espiritual não pode ser feita por conta própria, porque no coração humano há fortes tensões constantes entre o amor a Deus e o amor a si mesmo, e que são difíceis de resolver sem a ajuda de uma pessoa que os acompanhe na jornada.

Assim, quando cheguei a Pádua para fazer meus estudos universitários, minha primeira preocupação foi encontrar um bom guia espiritual com quem eu pudesse elaborar um programa de vida pessoal e, assim, levar a sério minha jornada de crescimento.

Aqui experimentei que o perfeccionismo e o voluntarismo não podem ser os elementos que fazem com que se caminhe em uma vida plena, mas somente a aceitação da própria fragilidade entregue totalmente a Deus.

Mesmo depois de me tornar padre, continuei meu caminho de acompanhamento e direção espiritual; descobri, porém, a importância de compartilhar a jornada de minha vida interior com meu primo Luís de Sales e, acima de tudo, com Antoine Favre, senador da Saboia. Apesar da diversidade de nossas vocações, compartilhamos uma verdadeira amizade espiritual e caminhamos juntos nos caminhos do Senhor.

Também foi importante em minha vida ter um confessor com quem eu pudesse abrir minha consciência e pedir perdão a Deus. Isso

me ajudou a combater o pecado em sua raiz e a me tornar livre. Contem com um guia espiritual, uma pessoa familiarizada com Deus e em quem confiem, com quem possam abrir o coração e ler sua história à luz da fé, para que possam se conscientizar e enfatizar os dons que receberam e as grandes possibilidades que se abrem diante de vocês. Para mim, não existe direção espiritual verdadeira, se não houver amizade, ou seja, troca, comunicação, influência mútua. Esse é o clima básico que possibilita a direção espiritual.

Sugiro-lhes um pequeno itinerário que tem me ajudado a caminhar com meu guia espiritual e que me permitiu encontrar o equilíbrio interior:

– Partam da sua vida real e da situação concreta em que vocês vivem, com seus recursos e limitações, tentando fazer unidade nas muitas experiências que vivem. Suas vidas, na verdade, correm o risco de serem preenchidas com tantas coisas para fazer sem significado e direção. Uma sugestão que lhes dou é que não se distraiam e estejam sempre presentes no momento presente.

– Durante seus dias, vocês são atraídos e oscilam entre diferentes forças, às vezes não harmoniosas entre si: a dos sentidos, das emoções, da racionalidade e da fé. O que lhes permite encontrar o equilíbrio entre elas é a dedicação, ou seja, sempre colocar seu coração nas coisas que fazem, com a consciência de que cada momento é uma oportunidade e um chamado para cumprir a vontade de Deus em suas vidas.

Vocês podem se perguntar: qual é o sentido de se esforçar para ser acompanhado? A autenticidade de suas vidas está em jogo: para vocês que estão presos em ansiedades, medos e preocupações, o caminho do acompanhamento os ajudará a descobrir quem realmente são, mas, acima de tudo, para Quem são.

Escritório de Animação Vocacional

[\(continua\)](#)

Almas e cavalos de força

Dom Bosco escrevia à noite, à luz de velas, depois de um dia de orações, conversas, reuniões, estudos, visitas de cortesia. Sempre prático, tenaz, com uma prodigiosa visão de futuro.

“*Da mihi animas, cetera tolle*” é o lema que inspirou toda a vida e a ação de Dom Bosco, desde o Oratório nômade de Turim (1844) até suas últimas iniciativas no leito de morte (janeiro de 1888) para que os salesianos fossem para a Inglaterra e o Equador. Mas para ele as almas não estavam separadas dos corpos, tanto que desde os anos 1850 propunha consagrar a própria vida para que os jovens fossem “felizes na terra e também depois no céu”. Felicidade que, na terra, para seus jovens “pobres e abandonados”, consistia em ter um teto, uma família, uma escola, um parque infantil, amizades e atividades agradáveis (jogos, música, teatro, passeios...) e, sobretudo, uma profissão que lhes garantisse um futuro tranquilo.

Isso explica as oficinas de “artes e ofícios” de Valdocco – as futuras escolas profissionais – que Dom Bosco criou do nada: uma autêntica *startup*, para usar os termos atuais. Inicialmente, ele havia se proposto como o primeiro instrutor de alfaiataria, encadernação, sapataria... mas o progresso não parava e Dom Bosco queria estar na vanguarda.

A disponibilidade de força motriz

A partir de 1868, por iniciativa do prefeito de Turim, João Filipe Galvagno, parte das águas do córrego Ceronda, que nascia a uma altitude de 1.350 m, foi captada pelo Canal Ceronda para ser distribuída a várias indústrias que estavam surgindo na área norte da capital piemontesa, mais precisamente em Valdocco. O canal foi então dividido em dois ramais na altura do distrito de Lucento, o da direita, concluído em 1873, depois de cruzar o Dora Riparia com uma

ponte-canal, continuava a correr paralelamente ao que hoje é a Rua Rainha Margarida e a Rua São Donato para então desaguar no Pó. Dom Bosco, sempre atento ao que estava acontecendo na cidade, pediu imediatamente à prefeitura “a concessão de pelo menos 20 cavalos de potência de água” do canal que passaria ao lado de Valdocco. Uma vez que o pedido foi concedido, ele mandou construir, às suas próprias custas, os dois afluentes para a entrada e o retorno da água, organizou as máquinas nas oficinas de modo que pudessem receber facilmente a força motriz e pediu a um engenheiro que estudasse os motores necessários para esse fim. Quando tudo estava pronto, ele solicitou às autoridades, em 4 de julho de 1874, para proceder à conexão às suas próprias custas. Durante vários meses, ele não recebeu nenhuma resposta; então, em 7 de novembro, renovou seu pedido. Dessa vez, a resposta veio rapidamente. Parecia positiva, mas pedia alguns esclarecimentos antes. Dom Bosco respondeu nos seguintes termos:

“Ilustríssimo Senhor Prefeito,

Apresso-me em transmitir a Vossa Senhoria Ilustríssima os esclarecimentos que se dignou solicitar-me com sua carta do dia 19 deste mês e tenho a honra de informar que as indústrias às quais será aplicada a força motriz da água de Ceronda são:

1º A tipografia na qual são empregados não menos de 100 operários.

2º Fábrica de massas, com um número de operários não inferior a 26.

3º Fundição de caracteres tipográficos, extorsão, calcografia com não menos de 30 operários.

4º Ferraria, com um macaco, com não menos de 30 operários.

5º Carpinteiros, marceneiros, torneiros com uma serra hidráulica: não menos de 40 operários.

Total de operários: mais de 220”.

Esse número incluía instrutores e jovens aprendizes. Diante dessa situação, além de serem submetidos a um esforço físico desnecessário, eles não teriam sido capazes de enfrentar a

competição. De fato, Dom Bosco acrescentou: *“Esses trabalhos são agora realizados pela força de um motor a vapor para a tipografia; mas para as outras oficinas são feitos à força de braços, de tal modo que não poderiam resistir à concorrência daqueles que usam a água como força motriz”*.

E, para evitar possíveis atrasos e receios por parte das autoridades públicas, ele imediatamente oferecia uma fiança: *“Não nos opomos a depositar uma nota de dívida pública como garantia, assim que for possível saber qual deve ser”*.

Ele sempre pensava alto... mas se contentava com o possível

Ele tinha que pensar no futuro, em novos laboratórios, novas máquinas e, portanto, a demanda por energia elétrica necessariamente aumentaria. Dom Bosco, então, aumentou a demanda e citou as razões existenciais e conjunturais:

“Mas, embora eu aceite a potência teórica de dez cavalos, vejo-me na necessidade de observar que essa potência é totalmente insuficiente para a minha necessidade, uma vez que o projeto de execução, que está sendo realizado, foi baseado na potência de 30 [...] como tive a honra de expor em minha carta de novembro passado. Por essa razão, peço-lhe que leve em consideração os trabalhos de construção já em andamento, a natureza desse instituto, que vive apenas de caridade, o número de trabalhadores envolvidos, o fato de termos sido um dos primeiros a nos inscrever e, portanto, se digne nos conceder, se não a força de 30 cavalos prometida, pelo menos a maior quantidade de força ainda disponível...”.

Poder-se-ia dizer: *“Para bom entendedor, poucas palavras bastam”*.

Um empreendedor bem-sucedido

Não sabemos a quantidade de água concedida ao Oratório naquela ocasião. O fato é que Dom Bosco demonstrou mais uma vez as qualidades de um empreendedor capaz que todos reconheciam na época e ainda reconhecem nele hoje: uma história de integridade moral, uma justa combinação de humildade e autoconfiança, determinação e coragem, habilidades de

comunicação e um faro para o futuro. Obviamente, o combustível para todas as suas ambições e aspirações era uma única paixão: a das almas. Realmente tinha muitos colaboradores, mas, de alguma forma, tudo recaía sobre seus ombros. Uma prova tangível disso são as milhares de cartas, das quais publicamos aqui uma inédita, corrigida e revista várias vezes: cartas que ele geralmente escrevia à noite, à luz de velas, depois de um dia passado em orações, conversas, reuniões, estudos, visitas de cortesia. Se durante o dia ele arquitetava seu projeto, à noite era capaz de sonhar com seus desdobramentos. E estes viriam nas décadas seguintes, com as centenas de escolas profissionais salesianas espalhadas pelo mundo, com dezenas de milhares de meninos (e depois meninas) que nelas encontrariam um trampolim para um futuro cheio de esperança.